



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 88-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
Endereço telegráfico: Talhaba-Lisboa • Telefone 5339-0
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATA LHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O CONFLITO FERROVIÁRIO

OS GREVISTAS DO ESTADO CONTINUAM NA LUTA

O facto dos ferroviários da C. P. terem dado por terminado o seu movimento, não altera em coisa alguma o curso da greve dos ferroviários do Sul e Sueste e Minho e Douro, visto estes terem sido impelidos, pelo governo, para a greve e contarem apenas com a sua própria força, tendo sido ocasional a declaração da greve da C. P. em 5 de Outubro.

Por esse motivo, não tem influência alguma, para o prosseguimento da greve, a retirada da luta do pessoal da C. P. Dispondo duma importante força, os ferroviários do Estado, comquanto desejem a rápida solução do conflito, pelos consideráveis prejuízos que está ocasionando ao país, não estão dispostos a capitular perante a intransigência do governo, que os pretende vencer pela fome, achando-se porêm dispostos a aceitar a sua solução, sob uma plataforma em que a dignidade do poder e a da classe fiquem ressaltadas simultaneamente.

Se o governo se embriagar com as condições morais em que o movimento da C. P. foi liquidado, a luta prosseguirá, só terminando quando o último recurso se tenha esgotado e assim mesmo, **NÃO PARA SE FAZER A LIQUIDAÇÃO HUMILHANTE**, mas para que a luta prossiga em condições excepcionalmente mais prejudiciais para o Estado e para o público, mesmo que se demitam algumas centenas de ferroviários.

Com o prosseguimento da greve, acabará por desaparecer o material ferroviário do Estado e tudo ficará inutilizado nas linhas do Sul e Sueste e Minho e Douro, o que profundamente afectará a economia nacional!

Eis como este Comité entende colocada a questão, depois da saída dos ferroviários da C. P.

O COMITÉ CENTRAL DOS FERROVIÁRIOS DO ESTADO

Reconsideração?

Resoluiu a classe comercial de raia do banditismo, à desgracia, como ontem noticiámos, limitar os seus lucros a uma percentagem compatível com a esfericidade e qualidade do seu comércio; de comprar fazendas ou artefactos por preços inferiores aos que lhes são oferecidos; e solicitar as associações industriais, agrícolas e sindicais, acção idêntica em relação aos seus associados.

Tem-se que de louvável a desdita dos comerciantes de Évora, embora se nos afigure extremamente duvidoso o acatamento ao conselho que a ganância dos mercadores é agora propalada.

O comércio foi sempre, e não apenas depois da guerra, uma actividade consistindo em arrancar o dinheiro ao consumidor; depois da guerra, porém, todas as marcas de decore foram excessivas. O que a exploração tornou-se desastroso; que era negócio tornou-se roubo. A actividade comercial passou a ser uma actividade lucrativa, por esse facto aumentando ao invés do número dos que negociam.

Um qualquer artigo, seja um metro de fazenda para um farto, ou um simples quilo de batatas, que chegue à posse do público, passa por dezenas de intermediários, em cujas mãos fica sempre um avultado lucro.

Assim, o ordinário barbotar de vulgar estampa que sai das fábricas da Covilhã por dez mil réis o metro—um supor—depois de livre das numerosas passagens de mãos cubicasas de intermediários, e depois de deixar nas burras do negociante um lucro fabuloso, é vendido nas lojas de mercadorias a vinte e cinco ou trinta mil réis o metro. Quanto ao algodão, tantos ou tam poucos lucros deixa o comércio que com ele se faz, que nunca fream em elevado número como hoje os estabelecimentos de sapatos, de venda de botas e sapatos, muitas desinteressadas pessoas tendo abandonado as suas anteriores ocupações, para dedicar-se ao comércio de calçado.

Respeitando aos géneros alimentícios, o escândalo assumiu proporções tais que não encontramos palavras suficientemente fortes para classificá-lo. O espionagem dos mercadores, em nome da abundância assolapada, a virtude da concorrência limitando a cubiceira, revelou-se agora em toda a sua hediondez, aproveitando largamente, descaradamente, as circunstâncias propícias a miséria nacional originou. A mesma cubiceira se pegou por alago aos produtores, fabricantes e lavradores, e são já estes também a perder os seus direitos e a especular sem rubico, com um deles a perseguir desesperadamente a riqueza, pretendendo alcançar o salto único, arrancado a uma fúria que toca as

Pela Itália

Novas perseguições e seqüestro da "Umanità Nova"

A inquisição restabelecida

Foi novamente visitada pela polícia e funcionários da justiça a redacção do jornal anarquista de Milão "Umanità Nova", tendo sido desta vez arrestados todos os livros da administração, para assim assestarem um outro golpe ao jornal.

Giolitti, que durante o período da ocupação das fábricas pelos metalúrgicos se mostrou um "humano e liberal", está-se agora igualando nos seus processos de governar aos católicos reacçãoários da república húngara, comprovando assim que todos os governos são os mesmos, desde o momento que não encontrem a resistência devida da parte dos governados.

Nos cárceres italianos tem-se exercido já a tortura sobre alguns presos, Donati Orest, ferroviário, de 20 anos de idade, encontra-se agonizante, porque durante o interrogatório, assim que souberam a sua profissão, meteram-lhe logo um punhal no ventre, do que lhe resultou uma peritonite. A Reggiani Luigi fracturaram-lhe o crânio à coronhada. Zucchini Ermínio, Tanti Ferruccio, Ariatti Emilio, Calderara Bruno e Vacchi Calisto encontram-se todos feridos.

O proletariado de Carrara e de Spezia proclamou a greve geral de protesto contra a prisão de Malatesta e de todos os anarquistas, mas o governo proibiu todos os comícios subversivos, só permitindo os comícios eleitorais, de forma que a estes estão dispostos a dirigir-se todos aqueles que desejam reclamar a liberdade das vítimas políticas.

Segundo afirma a imprensa burguesa, a prisão de todos os redactores da "Umanità Nova" foi devida à desordem, que se seguiram aos recentes comícios, vítimas políticas e pró-Rússia, desordens que consistiram simplesmente na resistência que os manifestantes ofereceram então aos ataques da guarda e dos agentes da polícia.

Indústria de alfaiataria

Oficina Sindical n.º 4

Pelos mais competentes profissionais, executam-se nesta oficina todos os trabalhos referentes à indústria de alfaiataria, sendo o fecho dos fatos pelos preços abaixo indicados e de acordo com as nossas actuais reclamações, verificando o público, sem grande dificuldade, quanto é roubado pelos industriais de alfaiataria, que apesar disso não querem atender as justas reclamações dos seus operários.

Eis os preços por executar os diversos trabalhos nas nossas oficinas sindicais:

Fatos em paletot.....	45.000
» » » cintado.....	47.500
» » » jaqueta.....	47.500
» » » terno.....	48.000
» » » smoking.....	22.000
» » » forrado a seda.....	9.000
Casaca.....	30.000
Sobrecasaca perdasus.....	7.000
Sobretudo meio terno.....	45.000
» » » todo forrado e gola de veludo.....	58.000
Gabardine.....	38.000

N. B.—Estes preços referem-se a fechos e forros.

A sede da oficina é na Rua dos Fanqueiros, 300, 2.º

O funeral do Lord Mayor de Cork

PARIS, 1.—Segundo informa o "Excelsior", o funeral de Lord Mayor de Cork foi adiado à última hora. As autoridades não consentem que o cortejo desda a catedral ao cemitério tenha extensão máxima de 400 metros.—Radio.

A PROPOZITO DUM CONCURSO

O "Século" e as dactilógrafas

O conhecido camaleão, sempre desejoso de bem servir os seus leitores, dá-lhes os retratos e as moradas das raparigas bonitas

Balcões mercantilistas como são os órgãos burgueses da chamada "avancada do progresso", de todos os recursos eles deitam mão para recomendar a sua fazenda, pela qual parece que a indiferença dos compradores aumenta dia a dia, mercê da sua péssima qualidade, cada vez mais descarada e flagrantemente venenosa. Acresce que a concorrência se tem feito sentir bastante, e a fazenda ou se valoriza aos olhos do comprador exigente procurando chamar-lhe a atenção ou tenderá a ver-se desprezada, em benefício doutra que melhor o saiba fazer.

Estas considerações veem a propósito do concurso imoral que o "Século" na sua edição vespertina abriu ou vai abrir.

O "Século" é fértil em concursos. Dos enigmas e dos bichos às negras figuras nacionais, a sua venda deve ter aumentado, por ter aumentado naturalmente, o interesse dos que se dedicam a pôlar papelinhos. As gravuras da última página da sua edição nocturna também devem ter agradado, atendendo a que a maior parte dos leitores, não sabendo ler, se entretem a ver os bonecos.

Mas parece que o assunto falta, não sendo o retrato de atrizes nuas, que ninguém conhece, motivo de grande sensação. É preciso, pois, outra coisa que mais desperte a atenção dos leitores de gravuras, e mais lhes fale à sensibilidade. Já o novo concurso—o das dactilógrafas bonitas. A mais formosa pagará o "Século", pela sua beleza, meio conto saído do aumento de receita proveniente da sensação causada.

Toda a gente sabe quem são as dactilógrafas.

A adopção das máquinas de escrever nos escritórios comerciais—nascidos nestes últimos anos como cogumelos—deu lugar ao aparecimento dessa classe feminina de assalariadas, classe reduzida a princípio, mas que tem aumentado de uma forma extraordinária, principalmente desde que nas repartições públicas a admitiram para os serviços de dactilografia.

A dactilógrafa sai, como a costureira, do lar onde o braço do chefe é impotente para levar de vencida as dificuldades caseiras. A dactilógrafa é filha do operário cujo salário não chega para o magro sustento da casa, ou do funcionário a quem o ordenado não dá para trazer em dia a conta do sapateiro.

Em qualquer caso, a dactilógrafa representa, como a costureira, a falta de recursos monetários duma família, a necessidade de mais uns escudinhos mensais para ajuda do equilíbrio do orçamento caseiro, ou para os seus próprios gastos com que a família não pode, quando não para o único sustentáculo duma casa inteira. Dactilógrafas e costureiras a mesma causa as origina. Simplesmente as primeiras conseguem maiores proventos, sendo mais leve a máquina de escrever que a máquina de costura. Daí o contingente que umas às outras tem dado, invadindo escritórios e ministérios, sem outro objectivo além do de procurar, numa ocupação um pouco menos pesada e um pouco mais rendosa e mais galante, os almejos e indispensáveis cobres.

Os corredores das repartições públicas encheram-se dessas raparigas que a necessidade levava a buscar um emprego e um motivo para um pequeno lugar na manjedoura do Estado. Dactilógrafas que não sabem escrever à máquina, e algumas que nem mesmo sabem escrever, e para as quais as muitas máquinas não chegam. Todas as temos visto, os que temos tido a desgraça de precisar visitar uma repartição. Elas estão ali porque ali lhes custa menos a ganhar a vida. Conversam pelos corredores, brincam e riem porque outra coisa lhes não dá para fazer. A sua honestidade periga muito entre aquele ambiente quente de voluptuosos desejos, e a atracção perigosa das meias desdadas para cuja compra o ordenado não

AS GREVES

O movimento dos ferroviários do Estado

Há mais de um mês que os ferroviários do Estado se encontram em greve. Tem sido uma luta gigantesca, onde a solidariedade se vem manifestando de uma forma admirável, solidariedade de que só estão possuídos aqueles que a seu lado têm a razão, a justiça e o direito.

O movimento, pois, continua, porque os ferroviários do Estado não podem de forma alguma sujeitar-se às vexatórias e humilhantes condições que o governo lhes pretende impor.

Este não se incomoda com os prejuízos que vem causando ao país a situação que criou, tendo só em mira esmagar uma classe de milhares de trabalhadores que foi obrigada a lançar-se na luta em consequência da atitude dos governantes.

A luta seguirá enquanto o governo não reconsiderar no erro praticado.

Nota oficial

Do Comité Central dos Ferroviários do Portugal

Tendo o Comité Central Interno dos Ferroviários da C. P. comunicado a situação moral do pessoal daquelas linhas, demonstrando a conveniência em abreviar a solução do conflito, convocou este Comité uma reunião conjunta, a que assistiu o Comité Central Interno dos Ferroviários do Estado.

Depois de terem sido expostas as condições precárias do pessoal da C. P., acordou este Comité em que fosse concedida liberdade de acção a quem o Comité para negociar o acordo para a terminação da greve.

Pelo Comité Central de Ferroviários do Estado, foi aceite a desligação da C. P. do compromisso tomado, sendo por esse motivo encetadas imediatamente as negociações com o governo.

Como o Comité da C. P. julgou suficientes as condições que o governo lhe impunha, considerou-se terminada a missão deste Comité, que não tendo responsabilidade alguma nas condições em que foi solucionado o conflito com a C. P., constata que os ferroviários do Estado—Sul e Sueste e Minho e Douro—se acham habilitados a prosseguir a greve em consequência da força moral e material de que dispõem lhes garantir os suficientes meios para a sua intensificação.

Nota oficial

Do Comité Central dos Ferroviários do Estado

Não tendo sido solicitado aos ferroviários da C. P. a sua entrada no movimento, pois que o fizeram voluntariamente e para reivindicarem reclamações suas, aceitou este Comité a resolução do pessoal daquelas linhas, em retomar o serviço, resolvendo prosseguir no seu movimento, pois que julgaram suficientes as suas forças para garantir a segurança e estabilidade da greve.

O pessoal deve manter-se como até hoje, pois que este Comité vai fazer entrar o movimento em nova fase de solução.

Da linha chegam-nos informações seguras sobre a marcha da greve, que cada vez atinge maior intensidade em todos os pontos.

Acenuta-se a insuficiência das medidas para publicar integralmente. Salientamos contudo os períodos seguintes:

O concurso pode bem ser anulado pelo simples processo de as dactilógrafas não concorrerem a um imoral concurso. Mas como esse concurso é estabelecido para uma classe de profissionais e como é vulgar atribuir-se a uma classe os pontos fracos de alguns dos seus componentes, necessário se torna denunciar a malevolência intenção do referido jornal, que veio trazer grande indignação às nossas camaradas de trabalho dos escritórios comerciais e forenses, as quais por intermédio desta, pretendem evitar que as mais acesíveis das mulheres do comércio vão inscrever-se no "registro de hotéis da Rua Formosa".

O protesto da Associação dos Empregados de Escritório foi enviado também aos restantes jornais de Lisboa, não lhe dando estes publicidade.

G. G.

As dactilógrafas, tam injustamente guardadas por alguns homens egoístas, merecem bem a consideração e o respeito dos que colocam o trabalho na vanguarda de todas as virtudes. Novas, formosas, muitas delas servindo de amparo a suas famílias, elas dão um precioso exemplo de honestidade, sujeitando a sua modicidade e a sua beleza a ingrata tarefa de conquistar o pão de cada dia, encalçadas horas e horas em escusas repartições do Estado e escritórios de vários géneros, numa época como esta em que a gentileza feminina precisa coarçar-se em titânicas forças de vontade para resistir às solicitações mais ou menos torpes que de todos os lados lhes são dirigidas.

Todos nós sabemos bem que espécie de jornal é o "Século" e não nos admiramos as suas palavras, por mais revoltantes e mais incoerentes que elas sejam. Sabemos que o lucro é a única mola que o faz mover, e sabemos que é esse o único objectivo das suas campanhas. Mas não podemos nem devemos calar-nos neste caso. Há dactilógrafas que trabalham, dia e noite até, para não morrer de fome, e há dactilógrafas que não sabem escrever à máquina, mas cuja formosura compensa os conhecimentos profissionais para o ganho dos escudos que lhes dão. As segundas serão, sem dúvida, as concorrentes do "Século". Mas as primeiras é necessário que as distingamos, pois que não pode atribuir-se a uma classe o que só a uma parte dela pertence, e, neste caso, às que com menos propriedade poderemos considerar dactilógrafas.

O concurso de O "Século" é uma revolta imoralidade, que ele pretende justificar com o exemplo dum concurso há pouco levado a efeito em França. Em França fez-se um concurso para averiguar quais as mais formosas mulheres de toda a França. Compreende-se, ainda que não se explique muito bem. Mas numa cidade, numa classe de mulheres novas que tudo impele para o mau caminho e atraz de quem anda uma multidão de conquistadores, todos, decerto, leitores dos bonecos de O "Século", indagar de quais dentre elas são as mais belas e mais bonitas, é tam imoral como a organização de um rol de mulheres apetecíveis a quem a miséria e a fragilidade sejam portas de fácil acesso à prostituição.

O "Século" vai começar a lista. Ele não deixará de publicar depois de quantos exemplares aumentou a sua tiragem, e qual foi, no final, o lucro do... negócio.

Ele inquirirá, decerto, em breve, quantas dessas mulheres belas voltam à noite da repartição sem ter em casa que comer, e quantas outras se tem trocado por umas meias que o magro salário não pode pagar.

Esperamos também saber quantas tiveram a sorte de encontrar protecção nalguns leitores de O "Século", admiradores da sua formosura.

Na sede da Juventude Sindicalista Metalúrgica realizou-se hoje à noite uma conferência sobre tática operária, o nosso camarada de redacção, Mário Domingues.

CONFERENCIAS

CONFERENCIAS

CONFERENCIAS

PARA "A BATALHA"

Transporte.....	15.558\$2	Transporte.....	15.558\$38
António Maria Correa.....	2\$00	Quele aberta por Jerónimo de Sousa-Contribuintes:	
Alexandre da Silva.....	\$30	Jerónimo de Sousa.....	\$500
João de Oliveira, Francisco A. Machado e Manuel Pedroso.....	\$150	Ferreira e Luís Michel (futuros revolucionários).....	\$200
João Ribeiro da Costa.....	\$100	Olinda.....	\$20
Do cofre associativo.....	\$50	Elvira.....	\$10
Manuel Joaquim da Costa.....	\$50	Ana.....	\$10
Eduardo Portugal.....	\$50	A. M. Pimenta.....	\$50
J. R. Barão.....	\$50	Deolinda D. Pimenta.....	\$50
José Luis Silva.....	\$50	José Correa Júnior.....	\$50
Mário Lopes.....	\$50	José Francisco.....	\$50
João da Costa.....	\$50	Maximiano Loureiro.....	\$500
Fernando.....	\$50	Florentina Marques Capinha.....	\$50
José da Graça.....	\$50	António Francisco Izidro.....	\$150
Angelo Fontinha.....	\$50	Eduardo Freire.....	\$150
A. Gonçalves.....	\$50	António dos Santos.....	\$150
Júlio Oliveira.....	\$150	Francisco Simões Tarrana.....	\$250
Augusto Monteiro.....	\$10	R. B. J.....	\$250
Vitor Fernandes.....	\$10	Eugénio Oliveira.....	\$20
Mário Contreras.....	\$10	Maximiano.....	\$20
António Coutinho.....	\$10	João Pedro Oliveira.....	\$10
João Eugénio Vilhena.....	\$50	Cavalheiro.....	\$10
Jaime Rocha.....	\$50	Epifânio Alexandre Leal.....	\$100
José Nunes da Silva.....	\$20	Manuel Reis.....	\$10
Bernardo Carmo.....	\$20	Rodrigues.....	\$10
José F. Castanheira.....	\$20	Bento António Martins.....	\$10
Manuel de Oliveira.....	\$20	António Martins.....	\$10
José Alves Brás.....	\$20	Eduardo.....	\$10
José de Barros.....	\$20	Almao.....	\$10
Armando Relyas.....	\$30	Souverinamente.....	\$10
Domingos Lourenço.....	\$30	Manuel da Silva Campos.....	\$250
João Alves.....	\$20	Quele aberta na obra do Conselho Técnico da C. Civil, na Morgue-Contribuintes:	
Agostinho Vilas.....	\$20	Manuel de Ataláia.....	\$20
José Joaquim da Silva.....	\$50	Desidério dos Santos.....	\$10
Manuel Rodrigues.....	\$10	João Correa.....	\$10
António Ferreira.....	\$10	António Pereira.....	\$20
Carlos Lourenço.....	\$10	M. Almeida.....	\$10
António Augusto.....	\$10	Francisco Cavalheiro.....	\$10
Jaime Maria.....	\$10	Carlos dos Santos.....	\$10
José L. Macedo.....	\$20	Sabino de Carvalho.....	\$10
António C. Marques.....	\$20	Alvaro Ferreira.....	\$30
Costa.....	\$20	Pedro Boaventura.....	\$30
Quele aberta em Oeiras-Contribuintes:		Francisco Luis.....	\$20
João Pimentel.....	\$150	Angelo Moreira.....	\$20
Jaime Pedro.....	\$50	Júlio Fernandes.....	\$20
Eduardo Martins.....	\$50	João Calado.....	\$10
Almeida.....	\$50	Salvador Francisco.....	\$10
Lucindo Pimentel Alves.....	\$50	Raimundo Moita.....	\$10
Lino dos Santos Carvalho.....	\$50	José R. Aparício.....	\$20
José da Cunha Rosa.....	\$50	João Nino.....	\$20
Luis Lopes.....	\$50	António Martinho.....	\$10
José Lopes.....	\$30	José Saravia.....	\$20
Augusto Chólá.....	\$20	António Francisco.....	\$20
Jaime Monteiro.....	\$20	Manuel de Oliveira.....	\$20
Manuel Frazão.....	\$20	Francisco P. Marques.....	\$50
Virino Lima.....	\$20	António Bento Martins.....	\$50
A transportar.....	15.558\$38	João Francisco.....	\$50
A transportar.....	15.615\$38		

quicas que à luz dos factos, se reputam superiores. Mas é assim mesmo, já que os republicanos se vão tornando mais jesuitas que os miguelistas. E, todavia, as considerações não são minhas, elas pertencem aos grevistas, que se vão desiludindo e abrindo os olhos na dura experiência.

É prosseguir a nota do Comité. «E, pois, insuflante a acção que o governo demonstra para solucionar esta greve, cuja continuação resulta, sem dúvida, o agravamento da situação e, consequentemente, os prejuízos consecutivos ocasionados ao país pela sua eternização.

Avale o público como o governo, de ânimo leve, quasi desconhecendo a matéria ferroviária, julga resolver uma questão tam importantíssima e de resultados fustosos, como é esta, e não digam depois que a culpa é dos ferroviários em luta pela vida.

Termina por aconselhar a continuação da greve, «por dever de honra e dignidade própria».

—As classes metalúrgicas reuniram hoje para apreciar o andamento da greve ferroviária e o estado em que se encontram as negociações entre a C. G. T. e o sr. Granjo.

Falaram vários camaradas, os quais salientaram os propósitos irredutíveis do governo, que, como todos os outros, pretende esmagar o operariado, apesar de a este assistir toda a razão de reclamar mais um pouco de pão e de bem estar. Resolveram protestar contra o encerramento arbitrário das associações ferroviárias, procedimento este que representa mais uma esfaurapada da Constitucional Carta Política da República e uma afronta aos princípios modernos de liberdade e de evolução social dos povos; e dar todo o apoio, quer moral, quer material, à C. G. T., no intuito de impedir os governantes a entrarem caminho de inteligência conciliatória, pondo-se termo a um conflito que a todos causa prejuízos.

—Para idéntico fim, reuniu também a Liga das Artes Gráficas em assembleia geral. Feitas as devidas apreciações aos actos intempestivos do governo monárquico e manifestada a simpatia pelo movimento ferroviário, igualmente ficou resolvido aderir a qualquer resolução de maior vulto que a C. G. T. venha a tomar no sentido de coagir o governo a sair da sua intransigência irritante e prejudicial aos interesses do país.

Operários do município

Continuam a não poder reunir estas classes, por motivos que já apontamos, mas apesar disso continuam mantendo a mesma atitude, o que prova que estão convictas da justiça que lhes assiste esperando que o governador civil as autorize a reunir e a câmara solucione o conflito.

Reunem hoje, pelas 19 horas, em suas sedes, os cateleiros de Lisboa e construtores de macedon para tratar de assuntos de interesse para as classes.

Enviou-nos o comité a seguinte nota:

Camaradas: mais um dia que passou e mais uma esperança perdida para aqueles que pensam em nos esmagar.

Base da ótica do município, em que todos os patrões esperam o fracasso das classes trabalhadoras, mais uma vez os senhores vereadores tiveram ocasião de que os operários municipais de hoje não são já os de ontem, e que, estão dispostos a lutar até fazer virar as suas justas petições.

Que dirão os senhores vereadores à forma como os operários se continuam movendo? Ainda terão dúvida na nossa vitória? Ainda pensarão ser fácil esmagar-nos com as suas intransigências?

Nunca! Os operários municipais, que se

Pelos Correios e Telégrafos

Do nosso camarada Manuel Serafim Silva, guarda-fios dos telégrafos do Porto, recebemos uma carta, na qual se refere ao conflito havido entre ele e o sr. João Bernardo Figueiredo, actualmente na Central desta cidade. Há quatro meses que, por tal conflito, se encontra suspenso, sem que até hoje se resolvessem a dar andamento ao respectivo processo, o que é lamentável. Com a publicação da seguinte carta do interessado, que é alvo duma perseguição a que já tivemos ocasião de nos referir oportunamente nas correspondências do Porto, julgamos que as instâncias superiores, se nos lerem, se resolverão a despachar o assunto:

Camaradas:—Mercê dum incidente havido entre mim e o sr. João Bernardo Figueiredo, então chefe da repartição dos telégrafos e telefones desta cidade, encontro-me suspenso há quatro meses, há aproximadamente quatro meses.

Desnecessário será relembrar os factos, pois que oportunamente a Batalha, por intermédio do seu correspondente, já ali disse sobre eles.

O fim desta carta, que se pode talvez assemelhar a um intenso brado sobre os infortúnios da classe, é um apelo para ver se o órgão da classe do operariado português consegue, com a publicação desta carta, abreviar a resolução do processo que dorme o sono eterno na Administração Geral dos Correios e Telégrafos.

Incidentes mais importantes e, portanto, de maior gravidade, tem sido resolvidos em muito menos tempo:—e quando não há sido oculto a dirigir uma perseguição acinosa. Presentemente, sucede o contrário. Há quatro meses que me encontro sem meios de subsistência para a conservação da existência da minha família; há quatro meses que estou a desfazer-me dos últimos farrapos que dormem no meu leito, em inadmissíveis necessidades que uma situação angustiosa me impõe; há quatro meses, pois, que estou numa crua e incerta, e me fôr o calvário da vida mais penosa ainda.

Houve, após o incidente, uma sindicância ao ocorrido. Logo, era de prever que o processo fosse a caminho de se resolver. Mas, não se deu a esse fim, e não se deu uma deliberação definitiva, acabando-se com a questão, já tendo principiado a sofrer o castigo que pretendem aplicar-me.

Mano, há quatro meses que me encontro sem meios de subsistência para a conservação da existência da minha família; há quatro meses que estou a desfazer-me dos últimos farrapos que dormem no meu leito, em inadmissíveis necessidades que uma situação angustiosa me impõe; há quatro meses, pois, que estou numa crua e incerta, e me fôr o calvário da vida mais penosa ainda.

É certo, camaradas, que a classe por quem imusmo me tenho sacrificado, mais propriamente a classe dos telegrafistas, mais que ela bem sabe que a perseguição que me é movida fundamente-se em eu ter sido, há quatro meses, um dos mais entusiastas combatentes das duas greves que se levaram a cabo. Se fosse um traidor, um indelente, um espião, um furta-vidas, procurando arrastar-me, eu, certamente, teria captado as práticas que os meus inimigos me imputam. Mas, infelizmente, até aqueles de quem esperava um outro procedimento, tem-me olvidado esta pobre criatura. Segundo o último número do O Dia Telégrafo, foi a comissão administrativa da Associação de Classe dos Empregados Menores dos Correios e Telégrafos conferenciar comigo o assunto da minha situação.

Quando eu fui chamado a dar resposta a estas questões que se relacionam com muitos camaradas, e quando julgava que de mim igualmente se tivesse recordado, sei, com profundo pesar, que não me foi dada a resposta que eu merecia. Perseguido por um esquecimento pelos próprios camaradas! Sei!

Agradecendo a publicação deste brado em pleno deserto, me subscrevo, V. etc., Manuel Serafim.

Festas associativas

Soldados de Lagos

Para comemorar o 19.º aniversário da Associação de Classe dos Soldados de Lagos, realizou-se no dia 22 do mês passado uma sessão solene na sua sede, estando representada a Construção Civil, Trabalhadores das Fábricas de Conservas e outras colectividades.

Presidiu o camarada José do Carmo Camaradas, secretário do camarada Manuel dos Santos.

Falou o camarada Francisco Duarte, que se exprimiu em considerações sobre a organização operária, e afirmou que a classe dos soldados de Lagos, que se encontra em precárias circunstâncias, e que reudefe a classe dos soldados de Lagos.

Seguiu-se-lhe o presidente da Construção Civil, que demonstrou o valor da organização operária e a necessidade da união dos trabalhadores das diversas indústrias.

Domingos Gonçalves, soldado, citou o valor do operariado nos diferentes países, e António Pedro Pião, velho combatente das duas greves, falou de prestar a sua homenagem à sua associação, historicando diversas fases da sua vida no movimento operário.

Todos os oradores foram muito aplaudidos e um grupo musical, composto de camaradas e amigos dedicados, executou a Internacional e outros números, que agradaram muito aos presentes.

Terminando a sessão, que decorreu sempre no meio do maior entusiasmo, com vivas à organização operária, à Batalha, à Comunidade, etc.

Destacando uma mentira

Fomos procurados por um grupo de ferroviários que nos comunicaram que se falsa a notícia publicada pela Situação no seu número de sábado, pois diz que Albano Calheiros e António Paiva tinham assaltado José de Almeida, na Escadaria do Arsenal da Marinha, com o fim de o roubar. É certo aqueles camaradas terem com o José de Almeida uma ligeira troca de palavras sobre assuntos particulares, nada mais havendo do que esse simples incidente.

Congresso da Indústria Metalúrgica

A Comissão Organizadora deste Congresso continuava a receber respostas das Associações de Classe dos Operários do Arsenal da Marinha e dos Fabricantes de Armas e Ocos Acessórios.

Esta comissão, segundo o resolvido pela C. G. T. em prestar todo o auxílio para a realização do Congresso que, da grande importância que este tem para a classe, a intervenção no sentido de que tal sessão não se prolongue em prejuízo da organização.

Os salários dos alfaiates

A propósito da entrevista com um alfaiate grevista que neste jornal foi inserta ontem, enviou-nos os sr. Andrade & Pereira, alfaiates, uma carta declarando que no seu estabelecimento andavam os salários dos oficiais internos entre 400 e 500 e os dos costureiros entre 200 e 300.

Não nos referimos a cada dos sr. Andrade & Pereira, mas a cada dos alfaiates, actualmente em vigor na alfaiataria são, discentemente os que ontem publicamos.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reunem em assembleia magna, apreciando as actas da reunião dos delegados do Sindicato dos Trabalhadores das Fábricas de Conservas e de outros sindicatos, o que foi reprovado, visto que foi aprovado na assembleia transita fazer-se em conjunto com a Federação do Livro e do Jornal.

Sindicato Unico Metalúrgico.—A Comissão Técnica e Melhoramento, atentas as condições como foi solucionada a greve dos ferroviários da C. P., vai movimentar-se no sentido de sobre o assunto ouvir os camaradas metalúrgicos das oficinas da referida Companhia que, segundo o acordo publicado nos jornais, vão ser entregues a uma empresa particular.

Para tal fim, devem esses camaradas nomear uma comissão, que trabalhará de acordo com a Comissão Técnica e de Melhoramento do Sindicato Unico Metalúrgico, para assegurar a defesa dos seus interesses.

CONVOCAÇÕES

Compositores Tipográficos.—Reunem hoje, em assembleia geral, pelas 21 horas, os tipógrafos dos quadros das casas de obras.

Sindicato Unico da Construção Civil.—Reunem hoje, pelas 21 horas, os membros da comissão revisora de contas do terceiro semestre, Manuel de Sousa, António Calatoca e António dos Santos.

Sociedade dos Pintores.—Fica por esta forma convidado a compreender hoje, pelas 20 horas, nesta secção, para assente urgente, o camarada João da Graça Sol.

Sociedade do Beato e Oitavo.—Reunem hoje, pelas 20 horas, na sede desta secção, rua de Marvila, 39, 1.º, os operários da indústria para tratar de assuntos de interesse para os mesmos. Para esta sessão estão convidados os delegados da Federação e do Sindicato.

Operários Carruageiros.—Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma assembleia especial de serradores de veículos.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reunem hoje, a comissão administrativa, recomendando a participação de todos os seus membros.

Manufaturas de Calçado.—Reunem hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral desta classe para apreciar o questionário da Federação de Calçado, Curos e Peles.

Sendo este assunto de muito interesse para a classe pois que se trata de uniformizar as condições de trabalho, e de garantir a segurança dos associados a esta assembleia.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reunem hoje, a comissão administrativa, recomendando a participação de todos os seus membros.

Manufaturas de Calçado.—Reunem hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral desta classe para apreciar o questionário da Federação de Calçado, Curos e Peles.

Sendo este assunto de muito interesse para a classe pois que se trata de uniformizar as condições de trabalho, e de garantir a segurança dos associados a esta assembleia.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reunem hoje, a comissão administrativa, recomendando a participação de todos os seus membros.

Manufaturas de Calçado.—Reunem hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral desta classe para apreciar o questionário da Federação de Calçado, Curos e Peles.

Sendo este assunto de muito interesse para a classe pois que se trata de uniformizar as condições de trabalho, e de garantir a segurança dos associados a esta assembleia.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Reunem hoje, a comissão administrativa, recomendando a participação de todos os seus membros.

Manufaturas de Calçado.—Reunem hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral desta classe para apreciar o questionário da Federação de Calçado, Curos e Peles.

Ministério do Trabalho

A propósito da local que com esta epigrafe publicamos há dias, recebemos o seguinte:

Sr. redactor da Batalha.—Lamento que a insensatez, a inveja e a inconsciência de certas creaturas sejam tão grandes que não compreendam que trazer certas questões para a imprensa apenas os prejudica e a aqueles que pretendem defender. E o caso dos anónimos que ontem me acusaram nas colunas do seu jornal.

Quanto ao meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Como tudo isto é triste, sr. redactor, que abastar-se a isso o meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Quando a justiça de que me accusam, não se encontra no meu nome, não me dá o facto porém com rancor, nem com idéas de vingança, posso mesmo dizer que o facto me magoa; depois das grandes e profundas tristezas que tenho conhecido, sinto-me obrigado a não me deixar levar pelo sentimento de amor aos meus princípios, sem que tenha colido mais que ingratitude e falta de lealdade—como se já não bastasse o triste espectáculo que tenho de assistir, obrigando-se e denunciando-se uns aos outros!

Últimas notícias

Nas festas da Vitória

ROMA, 1.—As festas da Vitória em Verona, Turim e Florença foram perturbadas por violentos tumultos provocados pela multidão e pelos ferroviários, em Florença.—Rádio.

NA ALEMANHA

O trabalho obrigatório vai ser decretado. BERLIN, 1.—Um jornal desta cidade assegura que em breve será apresentado ao Reichstag um projecto de lei sobre o trabalho obrigatório. A iniciativa deste projecto é devida ao partido democrático.

Os produtores asseguram que o trabalho obrigatório terá a mesma influência moral e desempenhará o mesmo papel educador que o serviço militar, noutro tempo. Fazem notar que as forças assim utilizadas serão empregadas no bem da comunidade e não no duma empresa capitalista.—Rádio

Os mineiros ingleses

Rejeitam as propostas do governo. LONDRES, 1.—As decisões tomadas sábado alguns distritos mineiros causaram geral assombro. Esperava-se que os extremistas, no sul de Gales e em Lancashire, influenciassem os conselhos dados aos operários pelos delegados da Federação dos mineiros para que aceitassem as condições do governo; porém, não se esperava que obteriam um tanto grande êxito como o anunciado nos telegramas recebidos em Londres.

Em Cardiff, uma conferência de delegados que representavam 200.000 mineiros, aprovou por uma grande maioria uma moção recomendando aos mineiros que rejeitem as propostas do governo. Outro telegrama diz que a comissão executiva de Lancashire recomendou igualmente aos operários que rejeitem as propostas.—Rádio.

PARIS, 1.—Apesar de se nutrir a esperança que o acordo mineiro seja sancionado pelo terceiro referendo, que se realizará amanhã, as notícias recebidas dos diversos distritos, escreve o Petit Parisien, revelam uma oposição grandiosa contra o projecto da regulamentação feito pelo comité executivo.—Rádio.

Exposição dos restos mortais do Lord de Cork. Numa padaria do Campo Grande na noite de sábado para domingo, pelas 25 horas, já se encontravam muitas pessoas, tendo algumas levado exenxas com se desistiram.

Tomam-se precauções para evitar conflitos. LONDRES, 1.—Os telegramas recebidos de Cork fazem menção dum estado de espírito perigoso causado pelo incidente a que deu ocasião a trasladação de Londres a Cork dos restos mortais de Mac Swiney. O menor incidente bastaria para desencadear complicações sensíveis. As organizações sindicais inglesas, competem-se de perigo e dos dois lados se tomam todas as precauções para evitar qualquer conflito.

OS RESTOS DO LORD MAYOR ESTÃO EXPOSTOS no palácio do Município e rodeados por uma guarda de honra constituída por membros do exército público; porém, estes, de acordo com a ordem do general inglês, estão vestidos à paisana e não ostentam insígnia alguma. Desde as primeiras horas de sábado o público tem desfiliado perante o catafalco e durante todo o dia longas fileiras esperam diante do município que possam entrar.

A partir das duas da tarde de sábado cessou todo o trabalho, encerrando-se os estabelecimentos. Este luto rigoroso durará até amanhã de manhã. A polícia tem tomado todas as precauções para impedir que nas tabernas e cafés se vendam bebidas.—Rádio.

OS QUE MORREM

Realizam-se hoje os seguintes funerais: Carlos Augusto Xavier, empregado da casa Pereira Santos & C.ª, às 16, da avenida Amante Reis, 56; Mário Correa Queiroz, filho do sr. José Correa Queiroz, às 15, da Vila Estefânia, 1.ª; Manuel João Frade, às 15, do hospital do Rego, D. Clara Rosa de Sousa Faustino, às 14, da rua da Costa, 37; Jorge Augusto Ribeiro de Almeida Rodrigues, às 12, da rua 24 de Julho, 34; Antonio Francisco, às 15, da Vila Estefânia, 12; D. Guilhermina da Conceição, às 15, do hospital da Estefânia.

TEATROS & CINEMAS

O notável actor José Alves da Cunha, que já está restabelecido, reaparece no Glaziou, representando o principal papel de La Griffe, peça de Henry Bernstein, ali em ensaios.

Reclamos

No Nacional volta hoje a scena A Castro, que já está restabelecido, reaparece no Glaziou, representando o principal papel de La Griffe, peça de Henry Bernstein, ali em ensaios.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL—A's 21,30—A Castro. SAO LUIZ—A's 21—Duquesa do Bel Tabarin. UNIAO—A's 21,15—Os Irmãos Unidos. POLITEAMA—A's 21—O Grande Amor. TRINDADE—A's 21,15—A Boneca Misteriosa. AVENIDA—A's 21,15—Malandragem. EDEN—A's 21—Chá e Torradas, revista. APOLO—A's 21,15—Os Riscos e Flores, revista.

GIL VICENTE—A's 21,15—Malandragem, revista. VARIETES e animatografos.—Salão Foz, Coliseu dos Recreios, Salão Olímpico, Central, Condes, Chafariz, Fátima, Paris, Triluz, Princesa, Portugal, e Ciné-Paris, Ideal e Chantier.

SINDICATOS da PROVINCIA

Trabalhadores Rurais de Montemor-o-Novo.—Este sindicato resolveu dar todo o apoio aos